

# TEMAS, TENDÊNCIAS E DESAFIOS DA GEOGRAFIA NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA

Francisco Mendonça<sup>1</sup>

Professor da Universidade Federal do Paraná  
chico@ufpr.br

## Resumo

A formação em nível de pós-graduação brasileira tem uma história muito curta e muito recente. Ela apresenta aspectos contraditórios que revelam ao mesmo tempo boa qualidade de formação, alta concentração espacial e considerável rigidez no sistema de avaliação. A geografia, neste contexto, repercute problemas e vantagens que refletem o geral deste nível de formação, além de aspectos próprios de sua identidade disciplinar. Uma reflexão acerca das categorias e dos processos de análise geográfica evocados pelos cursos e programas *stritu sensu* em desenvolvimento no Brasil possibilitaram traçar um perfil da abordagem geográfica na pós-graduação no país. 'As categorias ambiente, espaço e território, as mais evocadas, associam-se processos tais como gestão, desenvolvimento, organização, ordenamento e planejamento, o que revela uma clara resposta da academia às preocupações atuais da sociedade. Como principais desafios ao aperfeiçoamento da geografia na pós-graduação aparecem, dentre outros, a busca por caminhos alternativos para atender à demanda do *hinterland* brasileiro, particularmente da Amazônia, e a criação de cursos voltados à análise geográfica na escala da nação.

**Palavras-chave:** Geografia, pós-graduação, categorias, processos, Brasil.

## Abstract

The Brazilian graduate formation has a short and very recent history. It presents paradoxical aspects that disclose at the same time good quality of formation, high space concentration and considerable rigidity in the evaluation system. Geography, in this context, reverberates problems and advantages that reflect the generality of this level of formation, beyond the aspects of its identity disciplining. A reflection concerning the categories and of the processes of geographical analyzes evoked by the *stritu sensu* courses and programs in development in Brazil make possible to trace a profile of the geographical boarding in the pos-graduation in the country. To the categories environment, space and territory, the most evoked, associate processes such as management, development, organization and planning, what it discloses a clear reply of the academy to the current concerns of the society. As main challenges to the perfecting of geography in the pos-graduation they appear, amongst others, the search for alternative ways to take care of to the demand of hinterland Brazilian, particularly of the Amazônia, and the creation of courses come back to geographical analyzes in the scale of the nation.

**Key Words:** Geography, graduate formation, categories, process, Brazil.



L'âge des Lumières a fortement contribué à rejeter dans l'irrationnel toute raison qui ne serait pas forcée à la science. Or je tines qu'il y autant de raison chez Montaigne ou Verlaine que dans la physique ou la biochimie et, réciproquement, parfois autant de déraison éparse dans les sciences que dans certains songes. La raison est statistiquement distribuée partout: nul ne peut en revendiquer l'exclusive possession. (SERRE, 1992 (pg. 79).

Muito tardiamente, ou somente no alvorecer da Modernidade, a formação escolar no nível superior, ou universitário, se institucionalizou no Brasil. Comparativamente à boa parte dos países ocidentais, e mesmo a uma considerável parte de países latinoamericanos, o ensino universitário brasileiro consolidou-se em tempos muito mais recentes, sendo que constitui uma marca do século XX. A pós-graduação, então, é uma conquista que se consolida apenas no final do século, sobretudo quando se considera a dissonância entre cronologia e determinados eventos históricos paradigmáticos (HOBSBAWM, 1995).

O ensino escolar público é basilar no processo de desenvolvimento de uma nação, pelo menos no contexto da modernidade. O atraso de sua institucionalização, no Brasil, é um dos principais fatores a

responder pelas alarmantes condições de injustiça e exclusão social, portanto de subdesenvolvimento, manifestadas de diferentes formas no território nacional.

Falar da pós-graduação soa quase que desconfortante quando observados os índices de analfabetismo, de semi-analfabetismo e de formação escolar primária incompleta da população brasileira. Todavia, um processo de ensino-aprendizagem responsável não pode se restringir a somente uma ponta da formação, ainda que uma tal visão pareça coadunar-se mais com as reflexões emanadas daquela de mais alto nível escalar, elite que é no âmbito da sociedade. Dispensável, pois que envolto em certo cabotismo corporativo, evidenciar aqui os argumentos favoráveis e as decorrências positivas de um bom desempenho das atividades de formação pos-universitária para uma dada sociedade.

E' neste contexto de formação tardia, porém de boa qualidade e com consolidação rápida, que a geografia acadêmica brasileira se insere. Um tal processo revela, por suas próprias características, um conjunto de questionamentos nem sempre fáceis a responder de maneira satisfatória, afinal a geografia tem suas especificidades e seus conflitos. Algumas constatações e uma análise crítica do processo, além de alguns desafios à pós-graduação (strito sensu) em geografia no Brasil são abordados no âmbito deste texto. Para sua elaboração optou-se por identificar e analisar as categorias de estudo e as dimensões da análise geográfica evocadas pelos cursos e programas de pós-graduação em geografia no Brasil.

## **Evolução e disparidades regionais da formação e da pesquisa em geografia no Brasil**

A Revista n. 1 da ANPEGE, lançada em 2003, contempla, na maioria de seus textos, uma reflexão relativa à construção da pós-graduação em geografia no Brasil. Visões não muito diferenciadas, no seu geral, evidenciam aspectos particulares dos contextos históricos de criação, evolução e consolidação dos cursos e programas de pós-graduação da geografia brasileira. Os autores, em sua maioria, são unânimes ao destacar a concentração geográfica de mestrados e doutorados em geografia no Brasil, o que pode ser observado na figura 1, que contempla também os cursos e programas recomendados pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - em 2003 e 2004.

Nos dois últimos anos, mesmo com a criação de mais alguns cursos de mestrado (UFC e UFPA) e de programas de doutorado (UFPE e UFRGS) recomendados pela CAPES, a desconcentração esboça ainda fraca tendência. Somente a muito recente criação do mestrado da UFPA é que destoa, levemente, da distribuição observada até então e, ao contrario do que considera o Documento de Area ([www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br), 2005), a carência não se apresenta somente para a região Norte. Uma ampla area que cobre todo o interior das regiões Nordeste, Centro-Oeste, oeste da região Sul e, claro, quase toda a região Norte, não dispõe de cursos de geografia neste nível de formação.

Esta situação não é, todavia, uma característica apenas geográfica e da geografia; ela o é da ciência acadêmica brasileira no geral, e particularmente do seu mais elevado patamar – a pós-graduação, como o mostram Therry et Mello (2004) ao mapearem os dados relativos à pós-graduação brasileira. Mesmo com esta “proliferação concentradora”, aspecto que reflete também a concentração demográfica, econômica e política do país como o demonstram os recentes dados do IDH-M brasileiro (IPEA, 2004), muito há ainda a se fazer pela popularização e democratização do ensino e do conhecimento acadêmico no Brasil. Em todo caso, um total de apenas 29 cursos e programas é muito pouco quando se observa uma população de mais de 170 milhões de habitantes e a dimensão do território nacional. Estes dados, quando comparados a outros países, constituem prova cabal do atraso social do país.

Todavia, a reprodução de modelos de formação escolar americano-europeus na realidade brasileira tende a refletir a situação acima apresentada. As exigências de critérios cada vez mais rígidos, embasados



nacional, vangloriado e reificado. Geográfico de primeira grandeza ele torna-se, surpreendentemente, muito mais importante que o próprio lugar.

A experiência da vida local e a riqueza de conhecimentos dela adquiridos parecem ainda insuficientes para engrenar cursos que, associando o aporte teórico-epistemológico e metodológico produzidos em centros mais avançados, pudessem embasar novas propostas no vazio do *hinterland* do país como acima constatado. Não se trata de abrir mão da qualidade do ensino e formação superior, primeira acusação à uma tal reflexão, mas parece necessário buscar novas formulações para a produção do conhecimento, afinal o principal “laboratório da posmodernidade”<sup>2</sup> não deveria se limitar à cópia de modelos ou à reprodução de estruturas que a modernidade dos dias atuais já demonstrou claramente a ineficácia e insuficiência para a gestão dos problemas sociais. Trata-se de usar da criatividade e buscar propostas alternativas, embasadas em outros parâmetros de qualidade (que tal a geográficidade?), pois que num modelo de credenciamento e avaliação por demasiado concentrador<sup>3</sup>, com suas vantagens e desvantagens, o risco do “pensamento único” esta sempre em evidência.

É desta maneira que, por mais de vinte anos, cursos de áreas completamente diferentes são avaliados sob critérios iguais, fato que legou às ciências “moles” - à geografia dentre outras - conceitos em geral baixos e aportes financeiros irrisórios quando comparadas às ciências “duras”, cujas corporações se impuseram desde há muito no poder de decisão dos órgãos gestores da política de pós-graduação. É a lógica de produção e reprodução destas que se impõe sobre aquelas, algo estranho, pois a clássica e histórica diferenciação entre estruturas de pensamento e de conhecimento entre os campos do saber parece não ter sido levada em conta na organização burocrática das instituições de fomento ao ensino e à pesquisa no Brasil.

Adaptados e condicionados a um modelo que tende cada vez mais a reproduzir a produção material em série (“quanto mais diplomas melhor”), e no menor tempo possível, o sistema vai revelando homogeneizações assustadoras. Dissertações e teses com extensos capítulos de discussão teórica-metodológica reproduzem, de norte a sul do país, quase sempre os mesmos autores, notadamente aqueles que publicam nas grandes editoras comerciais. Os estudos de casos vão sendo, em geral, secundarizados diante de tão elevada importância acordada aos aspectos teórico-metodológicos dos estudos monográficos, e é a geografia e o conhecimento detalhado acerca do lugar, da paisagem, da região e do território que perdem, que se empobrecem. Chegou-se a uma situação tal que um trabalho acadêmico em geografia acaba sendo mais valorizado pelas referências que faz (principalmente internacionais) do que pelo conhecimento geográfico que produz acerca dos lugares. Assim, parece necessário o levantamento de bandeiras que, de fato, clamem pelo estudo aplicado das categorias de análise do pensamento geográfico e que defendam, enfim, uma geografia que valorize mais o geográfico.

Mas não é somente a formação na pós-graduação que responde por estas características criticáveis. A pesquisa também apresenta suas particularidades. A concentração geográfica dos pesquisadores com bolsa de produtividade do CNPq, por exemplo, constitui apenas um aspecto desta realidade. No caso da geografia isto é ainda mais evidente, pois as regiões Sudeste e Sul são as grandes concentradoras, sendo que somente os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, dentro destas, destacam-se pela quase totalidade dos bolsistas.

Se esta concentração responde pelo fato de a maior parte dos pesquisadores estarem vinculados a instituições destas regiões geográficas, ela é insuficiente para sustentar uma situação de concentração de poder e de benefícios. Graves conflitos são resultantes desta situação que representa um Brasil do passado, afinal, pelo menos o quadro de pesquisadores e docentes qualificados das regiões Sul, Nordeste

e Centro-Oeste alterou-se sensivelmente na última década. E mesmo na região Norte mudanças aconteceram e evidenciam uma melhoria na titulação dos pesquisadores desta área do país. Este contexto revela, todavia, um descompasso entre a concentração da representação e a disseminação da qualificação, vide os programas de pós-graduação *stritu sensu*.

### **Categorias e processos de análise predominantes: Reflexos da, ou diretrizes para a geografia brasileira?**

Malgrado os problemas que marcam a formação em nível de pós-graduação e a pesquisa em geografia no Brasil, consideráveis avanços têm sido observados na sua evolução recente. A maioria dos textos da Revista n. 1 da ANPEGE (2003) torna possível uma caracterização deste nível de formação em geografia; além destes deve-se também ressaltar que Monteiro (2001) tentou esquematizar – a exemplo de sua avaliação anterior (Monteiro, 1980) e em outra tentativa para o Seminário Geografia 2001<sup>4</sup> – as tendências atuais da geografia feita no Brasil. Contudo, dada a complexidade atual das tendências e sobretudo à falta de avaliação baseada em levantamento sistemático à base de indicadores confiáveis, as duas esquematizações apresentadas são para serem vistas como meras impressões<sup>5</sup>.

Uma breve avaliação dos temas principais dos cursos e programas, assim como das áreas de concentração e linhas de pesquisa construídas por cada formação em funcionamento, permitem traçar um perfil da produção intelectual da geografia brasileira na pós-graduação, como se verá a seguir.

Não se pode afirmar, todavia, que as opções feitas para a presente análise reflitam o atual quadro de preocupações e de interesses dos geógrafos brasileiros, ou se evidenciam apenas o interesse de determinados grupos que objetivam conduzir e aprofundar a produção do conhecimento geográfico acerca de temáticas precisas. Num primeiro momento acredita-se que os temas deveriam estar representados na produção intelectual dos grupos envolvidos com os cursos e programas, pois que derivariam da experiência e da produção dos mesmos, o que garantiria a coerência e a consistência das propostas. Mas, a realidade, pela sua própria dinâmica e riqueza, contém elementos que escapam à esta condição ótima almejada pela CAPES, o que significa dizer que nem toda a produção de um determinado curso esteja limitada ao que a área de concentração anuncia.

Para traçar um breve perfil da geografia brasileira, a abordagem aqui desenvolvida reteve-se na análise das categorias e temas identificados junto aos cursos e programas de pós-graduação em geografia no Brasil.

#### **Categorias de análise geográfica na pós-graduação.**

Os dados relativos às categorias e aos processos da análise geográfica apresentados nos quadros 1 e 2 foram levantados a partir das áreas de concentração e às linhas de pesquisa dos cursos e programas de pós-graduação em geografia no Brasil ([www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br), 2005). Para a análise dos dados excluiu-se o gráfico n. 1 as “categorias” geografia física e geografia humana, pois estas estão mais afeitas às duas macrodivisões clássicas do conhecimento geográfico moderno, sendo que não constituem categorias de análise da geografia como o aqui concebido.

Por categorias de análise entende-se, no âmbito deste texto, os recortes ou as especificidades geográficas da superfície da Terra utilizadas para o exercício intelectual e a produção do conhecimento no âmbito da ciência geográfica. São estas categorias de análise, algumas concebidas como “conceitos operacionais” por Suertegaray (2003)<sup>6</sup>, que explicitam a dimensão temporo-espacial da descrição e análise de um determinado fato geográfico. Estas categorias o caracterizam como tal, ou seja, evidenciam a atribuição geográfica de um dado conhecimento produzido numa determinada época e lugar; um conhecimento

portanto detentor de uma dimensão histórica e espacial.

A geografia é, por sua própria natureza e característica, um saber dual (Mendonça, 1999) e complexo (Silva e Galeno, 2005), donde uma considerável profusão de possibilidades de abordagens de seu objeto de estudo. Esta característica pode ser também observada numa boa quantidade de formações em nível de pós-graduação, instância na qual o aprofundamento do conhecimento no âmbito científico adquire a possibilidade de uma maior especialização. Neste patamar, o conhecimento científico parece atingir o panteão da modernidade, pois que revela ao mesmo tempo a supremacia entre a ciência e a técnica-tecnologia, entre o aprofundamento e a especialização, e entre o individualismo e a disciplinaridade. E a geografia recente-se disto, pois que seu maior aprofundamento parece ser concomitante a um maior estabelecimento de relações e intercâmbios com outros campos do saber.

Das categorias elencadas como “concentradoras” (Quadro 1) de interesse para a geografia na pós-graduação, a abordagem relativa ao “rural” e à “natureza” aparecem de maneira bastante tênues, constando como preocupações centrais de apenas dois cursos no país. “A natureza” aparece, na sua grande maioria, empregada sob o enfoque do “meio ambiente”, como se verá a seguir, e está geralmente envolvida com os enfoques da geografia física. O “rural”, predominante na geografia brasileira de até a segunda metade do século XX, parece ceder lugar às abordagens do “urbano”, o que evidencia, de certa maneira, uma preocupação com o processo de urbanização acelerado, descontrolado e caótico, que se observa no país com maior destaque nas últimas décadas. O urbano aparece, de maneira direta, como uma categoria à qual os cursos atribuem um pouco mais de atenção que às duas precedentes, pois que é mencionado em áreas de concentração de dois cursos no país. Todavia, o detalhamento permitido pelas linhas de pesquisas dos cursos e programas possibilita observar que rural e urbano aparecem como importantes categorias de análise da geografia brasileira na atualidade, em vários cursos pelo país.

“Região” e “Território”, diferentemente das categorias anteriores, são evocadas, cada uma, em sete dos 29 cursos e programas no país. Conceitos clássicos e de cunho eminentemente geográficos, da geografia moderna, a região e o território aparecem de maneira muito direta nas linhas de pesquisa de vários cursos, além das menções nas áreas de concentração, aspecto que reflete o reforço e a especificidade da identidade geográfica das formações objetivadas.

“Espaço” e “Ambiente” são categorias que aparecem de forma mais enfática no discurso geográfico em tempos mais recentes. De maneira geral as categorias região, território e espaço aparecem como englobando as clássicas abordagens dos aspectos relacionados às atividades humanas na superfície da Terra. Região e território mantêm perspectivas tanto clássicas quanto inovadoras da formação em geografia no Brasil, mas sob a categoria “espaço” aparecem sobretudo novas abordagens, aí incluídas a “geografia cultural” e a “geografia social”. Nesta última perspectiva identifica-se um certo alinhamento da estrutura da formação pretendida com a corrente da Geografia Crítica e também ao pensamento do geógrafo Milton Santos.

Sob o rótulo da categoria “Ambiente” agrupa-se uma considerável quantidade de propostas (14) que outrora poderiam estar agrupadas sob o “guarda-chuva” da geografia física no seu geral, ou atreladas a alguns de seus ramos específicos. As inovações trazidas com a emergência e importância da questão ambiental na atualidade parecem constituir um mote para um retorno do olhar geográfico a uma de suas mais importantes vertentes: a abordagem integrada da paisagem e dos problemas derivados da apropriação da natureza pela sociedade. Esta “onda” ambiental na geografia brasileira assemelha-se àquela observada em vários países do Ocidente nas três últimas décadas, pois que a relação sociedade – natureza foi mais uma vez colocada em questão face aos graves problemas que colocam em risco a vida sobre o planeta. Na sua especificidade a questão ambiental demanda uma análise multiescalar, tanto espacial quanto temporal,

e neste aspecto o conhecimento geografico tem muito a contribuir.

Mas, ainda que interessantes no seu todo, parece necessario estabelecer diferenças entre a geografia fisica e a abordagem ambiental (MENDONÇA, 2003) na formulação de propostas de formação de pós-graduação, sobretudo neste nivel da formação acadêmica. A geografia fisica, por exemplo e a despeito da quase ausência de um debate mais aprofundado de sua episteme contemporânea, se viu reduzida de maneira impactante com o exagerado emprego do termo ambiental, que não a substitui nem em suas generalidades e menos ainda em suas especificidades. A vanguarda garantida pela temática ambiental aparece, assim, como ameaça a uma das principais subdivisões da geografia. Esta situação é ainda mais expressiva no nivel de pós-graduação quando comparada à graduação, e nem toda produção geográfica deve ser alcunhada de ambiental, é preciso insistir!

A questão ambiental é, todavia, atrelada a vantagens e desvantagens ao conhecimento geografico, mas demanda aos geografos um melhor discernimento quanto à seu embasamento teorico, bem como ao aspecto dos estudos aplicados. Ela é, ao mesmo tempo e sem sombra de duvidas, uma perspectiva unificadora das dicotomias e dualidades do pensamento geografico (Mendonça, 1993; Mathews and David, 2004), permitindo-lhe o tratamento mais integral da paisagem e portanto uma rica contribuição à solução de graves problemas da atualidade. Ela constitui, ainda, uma clara possibilidade de resposta dos geografos a uma demanda atual da sociedade, além de qualifica-los para atuarem na vanguarda de muitos movimentos sociais em busca da qualidade de vida e da melhoria das condições de vida da população. Mas exige dos geografos, ao mesmo tempo atenção e cuidado, pois é preciso evitar as generalizações e obviedades que todo e qualquer tema midiático incorre.

As categorias de analise evocadas pelas áreas de concentração e pelas linhas de pesquisa dos programas e cursos de pós-graduação stritu senso no Brasil revelam e reforçam as bases principais do conhecimento geográfico. Todavia a região, o territorio, o espaço e o ambiente além de realçarem a identidade do geográfico no âmbito do conhecimento científico moderno, evidenciam especificidades, riquezas e vanguardas da geografia brasileira. Quando se analisa este contexto e se constata esta realidade, soa estranho entender aquelas vozes que insistem em dizer que a geografia não tem um claro objeto de estudo, que não tem bases teoricas. Ou elas constituem uma aposta na negatividade da historia construida, ou revelam completo desconhecimento da geografia brasileira.

Comparados os dois grandes subramos do conhecimento geográfico moderno – excluindo aqui qualquer pensamento de caráter dicotomico – observa-se que na atualidade, e particularmente apos o apogeu do movimento da geografia critica brasileira, a geografia retoma muito de suas caracteristicas originais, algo que pode ser esquematizado como o mostra a figura 2. O esquema de fundo desta figura foi apresentado por Monteiro (1979) e representa os tres campos de interesse do conhecimento geográfico em três vertices de um triangulo, dois deles ligados à sociedade e um à “natureza”/ambientalismo. O esquema é revelador da natureza do pensamento geográfico enquanto atrelado ao campo das ciências humanas, ainda que acorde forte importancia à leitura e analise da dimensão “fisico-natural” do espaço geográfico (MENDONÇA, 1989).

Assim identificada sua evolução entre os anos 1960/1970, esta caracteristica da geografia brasileira parece prevalecer enquanto perspectiva geral na década seguinte, ou seja, percebe-se que, ainda que eivada de intensos debates e conflitos, ela se mantêm “à la fois” fisica e humana, com uma certa interação entre os dois subramos principais.

Na década seguinte, com o enfraquecimento da predominante “renovação critica” da geografia, outros enfoques ganham destaque, e neste aspecto podem ser mencionadas a abordagem da geografia cultural, da social, das religiões, da representação, do turismo, da saude, etc. (Mendonça, F. e Kozel, 2003). A

figura 4 apresenta um esquema representativo desta abertura do conhecimento geográfico na atualidade, testemunho de uma expressiva e rica pluralidade. Ele torna-se mais complexo e, ao mesmo tempo, melhor definido quanto à sua identidade científica, pois que se observa tanto um importante recurso às bases teóricas e metodológicas da própria ciência quanto à proposição de abordagens novas na análise do espaço geográfico.

Ao lado da corrente ambiental, cuja abordagem requer uma interação entre natureza e sociedade, estes subtemas ou especificidades da geografia ganham importância e reforçam sua característica de ciência humana. Esta perspectiva é ainda mais evidente no âmbito da pós-graduação *stritu sensu*, como esquematizado na figura 3, na qual se observa um predomínio da abordagem social sobre a natural, o que é comprovado pelas categorias de análise geográfica evocadas nas áreas de concentração e linhas de pesquisa dos cursos.

### **Processos de análise geográfica na pós-graduação.**

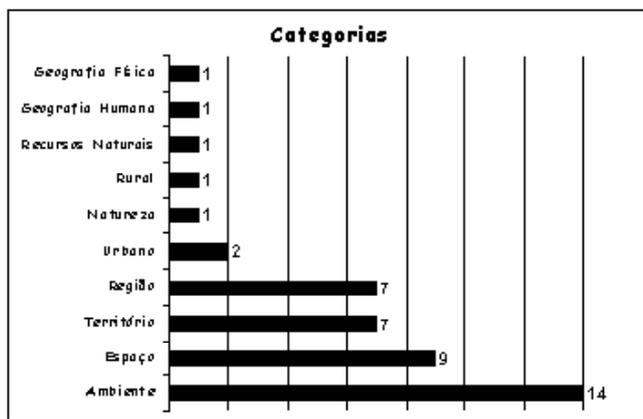
Os processos de análise geográfica correspondem, no âmbito da presente abordagem, às instâncias e estratégias utilizadas pelos geógrafos para o desenvolvimento da análise do espaço geográfico em sua constituição e evolução. Não sendo estático o espaço geográfico registra transformações permanentes decorrentes de eventos de ordem natural e/ou de atividades humanas. As alterações e mudanças que se manifestam devem ser então compreendidas, o que demanda o aporte de conhecimento de outros campos disciplinares, para que se possa construir a noção de dinâmica e evolução de uma determinada porção da superfície terrestre.

“Regionalização”, “estruturação e re-estruturação”, e “produção do espaço” aparecem como constantes de áreas de concentração e ou linhas de pesquisas de dois cursos de pós-graduação em geografia no Brasil cada uma. Os dois últimos processos fazem apelo tanto ao envolvimento de instâncias de poder quanto envolvem leituras relativas à vertente de renovação-crítica marxista da geografia brasileira, enquanto o primeiro ressalta um enfoque mais amplo e clássico, pois que a regionalização têm sua origem no conhecido período clássico da geografia (ANDRADE, 1987).

A dinâmica do espaço aparece como constante de três áreas de concentração, sendo que sua menção não explicita muito claramente tendência para uma ou outra subdivisão do pensamento geográfico. Sob esta perspectiva tanto a sociedade quanto a natureza, em sua dimensão espacial, encontram possibilidades de análise, assim como temáticas mais específicas de estudo do interesse geográfico.

Planejamento, organização e ordenamento do espaço (e do território) são evocados em quatro (as duas primeiras) e cinco cursos / programas. Estes processos de dinâmica espacial revelam uma tendência marcante na geografia posterior aos anos cinquenta, momento no qual buscou-se ultrapassar a fase da descrição e produzir um conhecimento possível de aplicação. Originariamente atrelados à políticas estatais e produzidos na perspectiva aplicada, os conhecimentos geográficos produzidos sob o enfoque destes processos privilegiaram ações intervencionistas de ação corretiva e propositiva; num segundo momento, porém, e sob influências do marxismo, passaram a focar a crítica à ação do estado quando empregando o conhecimento para fins da manutenção e aprofundamento das disparidades e injustiças sociais.

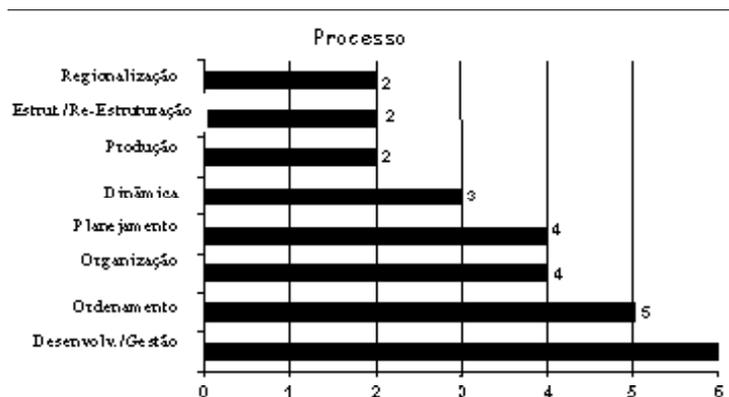
**Quadro 1:** Categorias de análise geográfica conforme Áreas de Concentração na Pós-graduação em Geografia no Brasil de



Fonte: [www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br) (2005)

Quadro 2: Processos enfocados na análise geográfica conforme as Áreas de concentração na Pós-Graduação em Geografia no Brasil

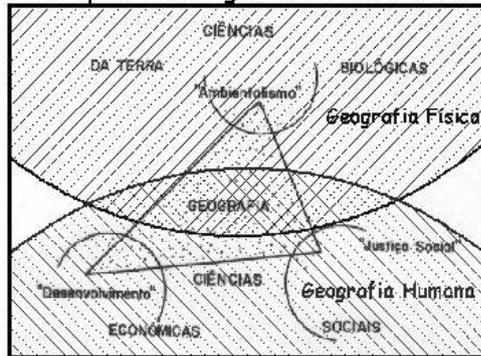
Con-



Fonte: [www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br) (2005)

A inserção dos três últimos processos nos cursos e programas de pós-graduação revela ambas as tendências mencionadas, ou seja, em alguns se observa maior interesse na formação de profissionais de alto nível para analisar e propor intervenções na realidade (geografia aplicada), enquanto em outros o enfoque volta-se sobretudo à crítica da aplicação de políticas públicas de planejamento e ordenamento do território. A identificação das duas tendências num mesmo curso, todavia, não causa espécie.

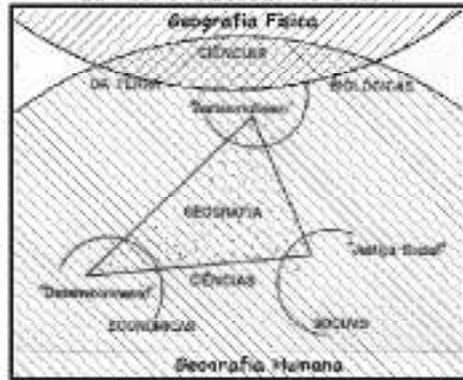
## Enfoques da Geografia na Atualidade



Fonte: C. A. de Albuquerque Monteiro, 1978

Figura 2: Enfoques da Geografia na Atualidade

## Principal Enfoque da Geografia da Pós-Graduação no Brasil

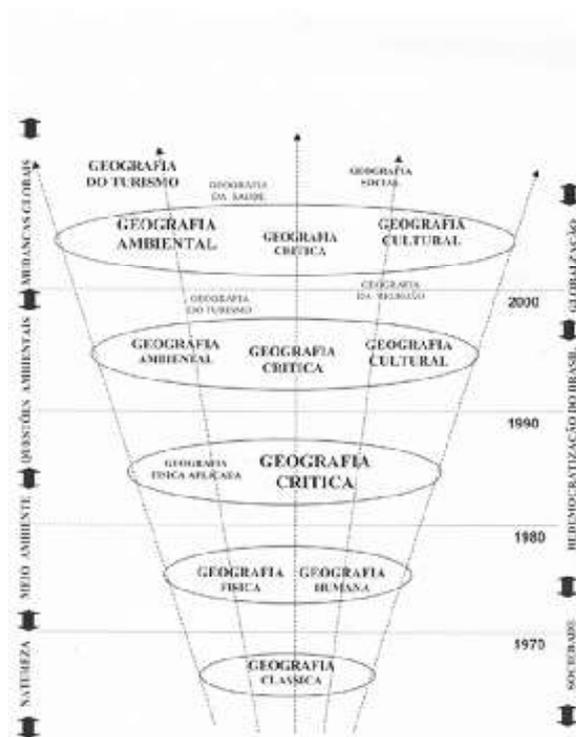


Fonte: C. A. de Albuquerque Monteiro, 1978

Figura 3: Principal Enfoque da Geografia da Pós-Graduação no Brasil

**Obs.:** As hachuras inclinadas, inseridas por este autor sobre o esquema de Monteiro (1979), atendem aos propósitos do presente texto. As hachuras inclinadas correspondem à clássica macro-subdivisão da geografia, sendo que no sentido NE-SO correspondem ao campo da Geografia Física, e aquelas no sentido NO-SE ao campo da Geografia Humana. Adaptação feita por Mendonça, F.

Desenvolvimento e gestão aparecem como sendo os principais processos buscados pelos cursos de pós-graduação para a análise da dinâmica do espaço geográfico, sendo evocados em seis deles. Atrrelados a estes dois processos aparecem, praticamente, todas as categorias de análise, embora território e ambiente sejam evocados muito mais vezes que os demais e, ainda mais evidente, é a ligação entre gestão e ambiente. Os dois processos evidenciam a participação de atores sociais claramente definidos no processo de produção do espaço, sendo que o estado e a sociedade civil organizada aí ganham fundamental importância, tal é o caso da gestão dos recursos naturais, do meio ambiente, do espaço rural, urbano e regional. Neste particular o enfoque também contempla tanto a visão clássica descritivo-analítica da geografia, quanto a perspectiva intervencionista na busca do equacionamento de problemas socioespaciais e socioambientais.



**Figura 4:** Evolução Recente da Geografia no Brasil a Partir das Principais Correntes ou Escolas de Pensamento Geográfico (esquema simplificado)

Assim analisados, os processos e as categorias revelam um estreito imbricamento, ou seja, às categorias mais evocadas associam-se processos de análise historicamente reconhecidos como pertinentes à elaboração do conhecimento geográfico. ‘A esta realidade constituída pela pós-graduação em geografia no Brasil na atualidade vêm-se se juntar um importantíssimo aporte da informática que, através principalmente do emprego do geoprocessamento (SIG – Sistema Geográfico de Informações + Sensoriamento Remoto), têm rendido consideráveis avanços no ensino e na pesquisa deste campo do conhecimento no país. Muito mais do que ao aspecto institucional, os resultados positivos devem ser ainda reconhecidos aos grupos locais que, muitas vezes, constroem a pós-graduação brasileira em condições de considerável escassez econômica e dificuldade material.

### **Lacunas, expectativas e desafios da formação em geografia na pós-graduação.**

A CAPES desenvolve uma ação altamente concentradora no que concerne à gestão da pós-graduação brasileira. Ela tem o monopólio da avaliação, recomendação e reconhecimento de todos os cursos de pós-graduação no país, além de gerenciar uma quantidade expressiva das verbas destinadas aos cursos e programas, diretamente ou via bolsas de estudo. Decorre desta concentração uma atitude quase policial e de fiscalização do sistema, algo facilitado pelo centralismo na análise e decisão, mas que engessa a liberdade e a independência da autogestão dos cursos e programas. Este fato parece refletir a própria sociedade brasileira, desacostumada que é de maior confiança nas instituições e transparência na gestão

das atividades públicas. Vantagens e desvantagens podem ser facilmente identificadas no processo.

O sistema CAPES atua em mão dupla pois, ao mesmo tempo que permite abertura e liberdade na proposição temática para a criação de novos cursos, ou mudanças nos atuais, privilegia com editais específicos os setores de maior interesse do Governo. Ao mesmo tempo em que parece encorajar a proliferação de novos cursos, se vê limitada pela aplicação de modelos de avaliação fortemente alicerçados em princípios norteadores das “ciências duras”, isto para não falar no descompasso entre o crescimento do número de cursos e programas e a dotação orçamentária para o funcionamento dos mesmos em boas condições.

No que concerne mais diretamente à Geografia, a atual distribuição-concentração geográfica tenderá a manter-se uma vez que os atuais critérios para aprovação e recomendação de novos cursos sejam mantidos. Por um bom tempo ainda o *hinterland* brasileiro terá que ser estudado nos bancos das escolas e laboratórios de cursos e programas localizados nos grandes centros, e a migração temporária dos interessados numa melhor qualificação ainda marcará a vida de inúmeros geógrafos.

A Amazônia, para citar somente um exemplo, continuará a ser estudada sobretudo por instituições e pesquisadores estrangeiros, pois que a exigência da existência de uma massa crítica e de uma considerável produção intelectual local como requisito para a implementação de um programa de pós-graduação parece ainda não ter sido ali alcançada. A CAPES bem poderia encorajar a criação de uma proposta alternativa e apoiar sua implantação, em caráter especial e regime de urgência, uma proposta que agregue o conhecimento já adquirido e produzido por estudiosos brasileiros da Amazônia, autoctones e aloctones. Enquanto se aguarda o “estado ótimo” das condições locais para a implantação de uma formação “ideal” e nos moldes de “exportação”, se entrega o conhecimento da própria geografia da região à interessados externos de toda ordem. ó

Falta também à geografia o desenvolvimento de uma formação voltada ao estudo do Brasil, que o tome na escala da nação brasileira. Observa-se uma importante carência concernente à análise do território brasileiro, geopoliticamente definido, e de seu papel no processo de globalização atual. Nenhum curso ou programa em desenvolvimento no país apresenta, de maneira evidente e clara, áreas de concentração especificamente concernentes à esta preocupação e à esta escala de abordagem. Ela parece, em primeira instância, revestir-se de extrema ousadia pois a dimensão espacial e as interações internacionais do Brasil são por deveras complexas. Mas, é preciso ousar... Num passado recente inúmeros geógrafos produziram conhecimentos riquíssimos sobre o contexto do país, e olhe que os recursos técnicos eram bem menos capazes!

Mas (mão na consciência!) uma pós-graduação, seja em que área for, somente logrará pleno sucesso, ou apresentará menos problemas, quando os níveis inferiores de ensino apresentarem resultados mais satisfatórios. Quando se observam os graves problemas sociais da população brasileira, dentre os quais destacam-se os baixos índices de alfabetismo e escolaridade básica, compreende-se que falta ainda muito para que a educação superior apresente melhorias. Não obstante, não se deve aguardar a melhoria de uma ponta da formação escolar-acadêmica para se investir na outra; a educação de um povo constitui um processo, e é nele como um todo que se deve pensar.

Num tal contexto o sucesso obtido até o presente momento pela pós-graduação brasileira no geral, e pela geografia neste nível em particular, é altamente louvável. As críticas aqui apresentadas conduzem a pensar numa pós-graduação que beira quase ao idealismo, à utopia. Mas, sonhar é preciso!

## Notas

(1) Doutorado em Geografia / USP, Pós-doutorado Université de Sorbonne et London School of Tropical Medicine.

Professor Titular do Departamento de Geografia da UFPR. Membro da Comissão de Avaliação da Área de Geografia da CAPES (1999-2002).

(2) Michel Maffesoli considera o Brasil o melhor exemplo de um “laboratório da pos-modernidade”, expressão que assinala a originalidade da vida econômica, política, cultural e social que marca o país e que lhe garante uma posição privilegiada no contexto da globalização e do futuro das nações... “uma mistura de informática com candomblé”. (Palestra proferida no encerramento do I Coloquio da APEB-Fr – Associação dos Estudantes e Pesquisadores Brasileiros na França. Paris, 29 de abril de 2005).

(3) A própria CAPES, através de seus representantes no I Coloquio da APEB-Fr, considera o modelo brasileiro de credenciamento e avaliação da pós-graduação muito concentrador, algo que não possui similar em outros países. Este mesmo sistema, que possui facilidade e agilidade de autofuncionamento e controle, apresenta também riscos evidentes de homogeneização de processos altamente diferenciados, o que exige que a comunidade mantenha-se permanentemente alerta e atuante na fiscalização das atividades do sistema.

(4) Evento realizado pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, intitulado Geografia 2001, no mês de setembro de 1998 na cidade de Aracaju em comemoração ao aniversário de 10 anos do programa. Um livro, organizado pelo programa e contendo as principais contribuições, foi lançado no ano seguinte.

(5) Informação pessoal e oral do autor.

(6) Para Suertegaray (2003) as categorias espaço, região, território e paisagem constituem conceitos operacionais do conhecimento geográfico.

## Referências

- ANPEGE – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia. **Revista da ANPEGE**, n.1, 2003.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia – Ciência da sociedade**. Uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.
- HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Atica, 1995.
- IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas. **IDH-M – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal do Brasil**, 2004. [www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br)
- MATHEWS, John A. and DAVID, T. Herbert. **Unifying geography – Common heritage, shared future**. London: Routledge – Taylor & Francis Group, 2004.
- MENDONÇA, Francisco. **Geografia Física: Ciência Humana?** São Paulo: Editora Contexto, 1989.
- . **Geografia ambiental**. São Paulo: Editora Contexto, 1993.
- . Dicotomia e dualidade da geografia moderna – A especificidade científica e o debate recente na geografia brasileira. **Ra’e Ga – O espaço geográfico em análise**, V.1, 1999. Pp. 153-166.
- . Geografia socioambiental. In: **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da UFPR, 2003. Pp. 121-144.
- MENDONÇA, Francisco e KOZEL, Salette. **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da UFPR, 2003.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A geografia no Brasil (1934-1977): Avaliação e tendências**. São Paulo: IGEO/USP, 1980.
- . A geografia no Brasil no século XX: Um panorama. **Borrador**, Revista AGB – São Paulo, 2001.
- SERRES, Michel. **Eclaircissements – Entretiens avec Bruno Latour**. Paris; François Bourin, 1992.

SILVA, Aldo Dantas da e GALENO, Alex (Orgs.). **Geografia: Ciência do complexus**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Geografia física (?) geografia ambiental (?) ou geografia e ambiente (?). in: **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da UFPR, 2003. Pp. 111-120.

THERY, Hervé et MELLO, Nely Aparecida de. **Atlas du Brésil**. Paris: CNRS-Libergeo – La documentation française, 2004.

[www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br) (2005) \_\_\_\_\_

Recebido em abril de 2005

Aceito em agosto de 2005